





“Quando você passa três, quatro dias desaparecida
Me queimo num fogo louco de paixão
Ou você faz de mim alto-relevo no seu coração
Ou não vou mais topar ficar deitado
Um moço solitário, poeta benquisto
Até você tornar doente, cansada, acabada
Das curtições otárias.”

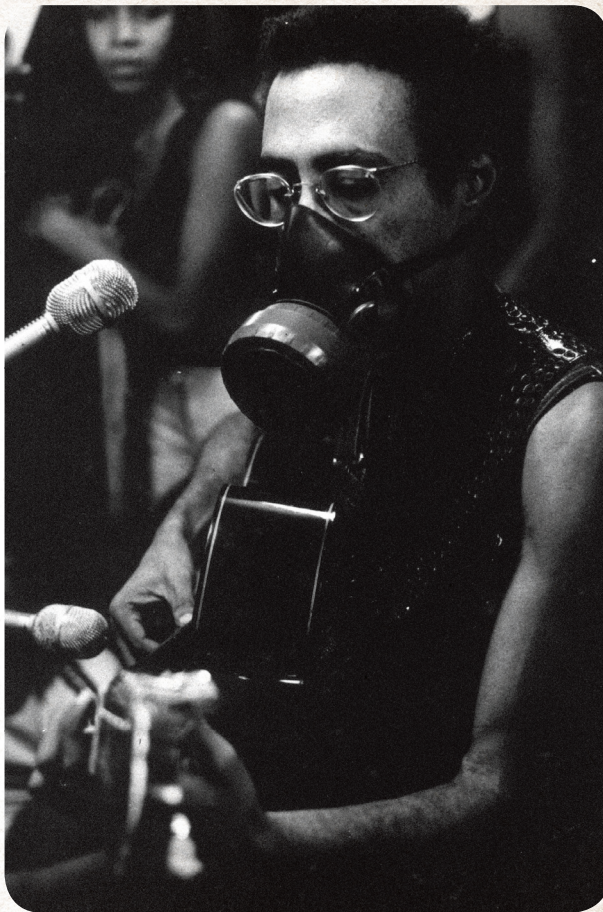
“Anjo exterminado”, parceria com *Waly Salomão*.

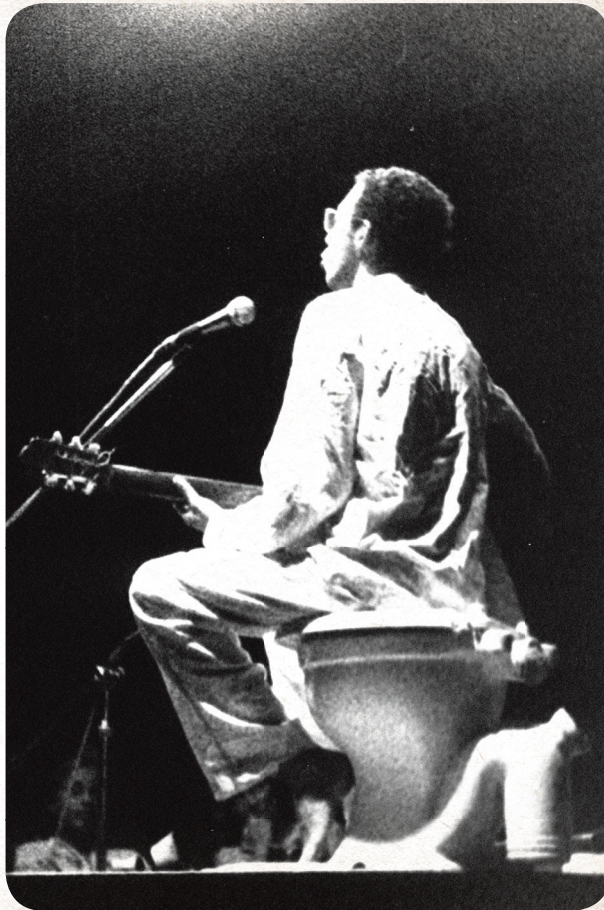




Macal mascarado, no show de lançamento do disco “Aprender a nadar”, na barca da Cantareira, no Rio de Janeiro (1974). “Convenci a produção a alugar uma das barcas e montar um som dentro dela. Convidei várias pessoas e, em clima de festa, com sanduíches de salaminho, batida de limão e maracujá, saímos pela baía da Guanabara e fomos até embaixo da ponte Rio-Niterói. Eu tinha alugado um barco que foi atrás da barca sem que ninguém visse. Depois do show, fiz um *striptease*, saí correndo e me atirei na baía, saí nadando e fui embora. Aí explodiu lá dentro o “Mambo da Cantareira” de Barbosa da Silva e Eloide Warthon”.









Entre os cenários montados para suas apresentações, nenhum foi tão exótico quanto a privada que o acompanhou Brasil afora nas andanças do show “Sorriso verão”. O show ficou dois anos na estrada. Esta foi a última turnê de Macalé, antes do encontro com o malandro Moreira da Silva, em 1976.







O cuco dispara, Macalé cai do banco, salva seu violão. Mais uma do *showman* que viaja através do tempo para atualizar a clássica “Passarinho do relógio (Cuco Maluco)”, de Milton de Oliveira e Haroldo Lobo. (foto: Eduardo Stuquer)

“O passarinho do relógio está maluco
Ainda não é hora do batente
Ele fica impertinente
Acordando toda gente
Eu pego às oito e quarenta e cinco
E levanto às sete para tomar banho e café
Mas quando são mais ou menos
Três e cinco, ele começa
E só termina quando estou de pé”.

